

INFERÊNCIAS GEOGRÁFICAS DE RECORTES LITERÁRIOS GEOGRAPHIC INFERENCES FROM LITERARY CUTTINGS

Valter Casseti

Doutor em Geografia. Professor aposentado do Instituto de Estudos Socioambientais.

Universidade Federal de Goiás

E-mail: valcasseti@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0003-3744-4502>

RESUMO

O projeto “Geografia e Literatura” tem por pretensão, analisar obras literárias que ofereçam subsídios à análises e interpretações de conteúdos associados ao conhecimento geográfico. No presente texto, elegeu-se a obra emblemática de Euclides da Cunha, “Os Sertões”, escrita entre o final do séc. XIX e o limiar do séc. XX, refletindo a transição literária entre o simbolismo e o modernismo brasileiro. A obra é composta por três partes: a Terra, o Homem e a Luta, que oferecem importantes subsídios a análise e comentário geográfico, além da própria constituição textual. Na primeira, aborda os componentes da natureza física do sertão baiano, palco da Guerra de Canudos, momento em que faz importante descrição dos componentes físicos e etnobotânicos; o segundo, em uma perspectiva antropossociológica, embora determinista, considera a tríade formacional do sertanejo (meio-raça-história); e por fim, a luta contra o messianismo de Antonio Conselheiro, fundador do arraial de Belo Monte, mais conhecido como Canudos, confronto esse que durou quatro anos, se constituindo em um marco histórico nos movimentos populares. De forma incidental, apresenta ainda uma relação entre a passagem da “perda do chio” no conto “Uma estória de amor: festa de Manuelzão” de Guimarães Rosa, estabelecendo relações com fenômeno observado nas sequências cársticas de São Desidério, oeste baiano.

Palavras-chave: Geografia; Literatura.

ABSTRACT

The project "Geography and Literature" aims to analyze literary works that offer subsidies for the analysis and interpretations of contents associated with geographic knowledge. In this text, the emblematic work of Euclides da Cunha, "Os Sertões", was chosen. It was written between the end of the 19th century and the threshold of the 20th century, reflecting the literary transition between symbolism and Brazilian modernism. The work comprises three parts: Earth, Man, and Fight, which offer important support for geographical analysis, in addition to the textual constitution itself.

In the first, he addresses the components of the physical nature of the Bahian hinterland, the scene of the Canudos War, a moment in which he makes an important description of the physical and ethnobotanical components; the second, from an anthropo-sociological perspective, although

deterministic, considers the formative triad of the sertanejo (half-race-history); and finally, the Fight against the messianism of Antonio Conselheiro, founder of the Belo Monte camp, better known as Canudos, a confrontation that lasted four years, becoming a historic milestone in popular movements. Incidentally, it also presents a relationship between the passage of the "loss of chio" in the short story "A love story: Manuelzão's party", by Guimarães Rosa, establishing a relationship with the phenomenon observed in the karst sequences of São Desidério, western Bahia.

Keywords: Geography; Literature.

INTRODUÇÃO

“Geografia e Literatura” é um projeto pessoal que tem a pretensão de estabelecer relações de obras literárias com elementos intrínsecos ou extrínsecos à natureza geográfica. A ideia é a de se permitir analisar, com base na constituição estrutural e preceitos específicos da tipologia textual, capítulos ou trechos de obras literárias que ofereçam subsídios a uma interpretação geográfica. As obras selecionadas não dependem necessariamente de apresentarem um sentido explícito da narrativa na perspectiva geográfica, embora a questão espacial encontra-se, via de regra, intrinsecamente presente como elemento de intervenção nos fatos narrados. Assim, pretende-se expressar o significado das obras literárias na disciplina geográfica, sem qualquer intuito de inovar, mas sim oferecer algum subsídio de interesse relacional, como elemento para discussão.

Para Jorge Luís Borges, “a literatura existe através da linguagem, ou melhor, apesar da linguagem”; ou, para Fernando Pessoa, “a literatura existe porque a vida não basta”. Ela torna-se necessária para nos tornar mais humanos ao oferecer elementos para a compreensão da complexidade da própria existência. Por essa razão é que a literatura se oferece às diferentes áreas do conhecimento, evitando a fragmentação entre o mundo real e o subjetivo intelectual.

Por tratar as questões sociais em uma perspectiva histórica, tendo como suporte a natureza, a literatura torna-se importante elemento para a compreensão do espaço no conceito geográfico.

Esses elementos podem estar explícitos ou implícitos nas diferentes obras. No primeiro caso não há a necessidade de maiores esforços para que isso seja constatado. Já no segundo, basta se ater à narrativa ou desvendar tais conteúdos, considerando a acuidade aliada ao domínio temático.

Em um primeiro momento procura-se priorizar obras de autores brasileiros consagradas, razão pela qual optou-se por apresentar considerações geográficas sobre “Os Sertões” de Euclides da Cunha, que didaticamente apresenta uma estrutura formal e conteúdo intrínseco ao domínio geográfico, seguida de nota incidental sobre fato narrado por Guimarães Rosa em “Uma estória de amor” (Festa de Manuelzão), em “Manuelzão e Miguilim”, que oferece correspondência ao fenômeno observado em sequências cársticas na região de São Desidério, Bahia.

1. “OS SERTÕES” NA PERSPECTIVA GEOGRÁFICA

“Sinto-me tentado a escrever que, depois de seu nascimento moderno, a Geografia se tornou cada vez menos literária ao passo que a Literatura se tornava dia a dia mais geográfica. É que, efetivamente, elas têm um campo comum: a descrição da paisagem. Descrever a paisagem da região estudada é a primeira fase do trabalho geográfico. Pode-se afirmar, sem exagero, que a Geografia é o estudo das paisagens. Começa por descrevê-las e tem por missão, em seguida, explicá-las” (Monbeig, 1940)

Especificamente, em relação aos conteúdos literários de correspondência direta ou indireta à perspectiva geográfica, elegeu-se nesse primeiro momento, “Os Sertões” de Euclides da Cunha (Op.Cit), que já foi e continua sendo amplamente objeto de discussão nas diferentes áreas do conhecimento. A obra adquire relevância para a análise geográfica por apresentar em sua estrutura as bases epistemológicas consagradas na Geografia: a natureza e a sociedade.

Monbeig (Op.Cit) pergunta: “Não foi Euclides da Cunha, cujos Sertões mereceriam ser melhor conhecidos fora do Brasil, um dos primeiros e mais completos antropogeógrafos brasileiros? A atenção do geógrafo fixa-se sobre fenômenos complexos; ele se esforça por decifrar as ações e reações dos diversos fenômenos físicos, entre si e em relação ao homem. São essas relações sutis, os elementos com que trabalha. De um todo, que como tal se apresenta aos olhos do profano, procura o geógrafo decompor os diversos elementos, determinar-lhes o valor exato, sem, entretanto, isolá-lo arbitrariamente, pois deseja compreender como se realiza sua combinação”.

Na primeira parte do livro, “A terra”, o autor dá ênfase especificamente aos aspectos de natureza física, com destaque para as questões morfoestruturais e condições climatobotânicas entre o litoral e a “entrada do sertão” nordestino. A segunda, refere-se a “O homem”, onde estão presentes as diferenças resultantes da divisão territorial do trabalho (o litoral pré-capitalista e o sertão esquecido), momento em que se insere a questão da crença, com destaque para o “fanatismo” ou “messianismo” de Antônio Conselheiro. Na terceira parte, “A luta”, prioriza o confronto entre as tropas federais e os sertanejos, seguidores de Antonio Conselheiro, culminando em uma das maiores chacinas da história brasileira. O autor narra sua história em uma perspectiva épico-jornalística.

Para Maria José de Rezende (Tempo social), a obra de Euclides da Cunha “estaria seguindo uma linearidade que vai da terra para o homem e para a cultura...Em várias páginas ele demonstra a degradação no plano físico a partir da degradação social”. Faz analogia entre a resistência das plantas e a resistência dos sertanejos que sobrevivem às diversidades físicas, o que parece justificar a “força” para vencer as forças militares.

O domínio de tais conteúdos pelo autor se justifica pela própria formação acadêmica: engenheiro militar, bacharelado em Matemática e Ciências Físicas e Naturais. A formação na época

incluía estudos de geologia, botânica e etnologia, o que contribuiu para seus apontamentos sobre vegetação, relevo, clima, solos, que subsidiaram na descrição regional: Canudos, encravado no vale do rio Vasa-Barris, entre as serras do Cambaio e do Cocorobó, no nordeste baiano.

O próprio autor pergunta sobre o desmedido interesse das autoridades republicanas diante dos acontecimentos no arraial de Canudos. “Até então ninguém tinha se interessado por qualquer ser vivente daqueles sertões”.

A crescente migração de camponeses em busca do projeto idealizado pelo Conselheiro incomodava a estrutura de poder. A oligarquia agrária, usando o pretexto de ser o Conselheiro um “monarquista”, ou seja, um perigo para a república recém-implantada (governo de Prudente de Moraes, 1894-1898), gera o estopim para a reação militar. O argumento utilizado pela oligarquia agrária de reprimir “um movimento antirrepublicano”, foi difundido pelos jornais da época que conclamavam a população para defender a república contra aqueles que estavam “desmoralizando a pátria”; consideravam os sertanejos o “braço armado do movimento monarchista”, aproveitando do desconhecimento dos brasileiros “supostamente civilizados”.

A análise, para fins didáticos, foi dividida em tópicos relacionados à temática em questão, onde foram feitos comentários que evidenciam relação entre fragmentos da obra com as questões de natureza geográfica.

1.1 A Terra

Na primeira parte do livro, “A terra”, Euclides da Cunha envereda pela descrição do relevo, passando para as relações estruturais, destacando a Chapada Diamantina, no estado baiano. Inclui na análise o rio São Francisco, desde as suas nascentes até a confluência com o mar, não deixando de fazer considerações entre as diferenças climáticas do sertão e o litoral. Insere o histórico de ocupação, mostrando a relação entre o caminho dos bandeirantes e o traçado da estrada de ferro para o interior de Goiás.

Depois de apresentar o contexto regional, sem deixar de considerar a estrutura geológica continental, chega até o nordeste da Bahia, no arraial de Canudos, objeto central de sua obra.

Inicialmente serão reproduzidos trechos destacados nessa primeira parte (A terra), que em função dos conteúdos tratados, foi dividida em dois subcompartimentos: morfoestruturais e bioclimáticos. A partir de então serão feitos apontamentos sobre parágrafos destacados na obra, evidenciando os vínculos de conteúdo geográfico.

(a) Considerações morfoestruturais

Conforme já se mencionou, Euclides da Cunha tinha um bom conhecimento de conteúdos sobre a natureza física, também contemplado pela Geografia, o que seria justificado pela sua própria formação acadêmica.

Nessa primeira parte mostrar as relações estruturais das rochas, considerando os planos de cisalhamento bem como a propriedade física dos materiais que compõem a estrutura dos minerais, como em sua descrição sobre os efeitos da amplitude térmica no processo de diaclasamento: “... e daí um jogar de dilatações e contrações que as distingue, abrindo-as segundo os planos de menor resistência” (p.14).

A sua perspicácia e interesse pela morfoestrutura, leva-o a escrever com propriedade sobre a resistência dos quartzitos na demarcação das cornijas estruturais, as “abas dos cerros”: “... o caráter das rochas, exposto nas abas dos cerros de quartzito ou nas grimpas em que se empilham as placas do itacolomito avassalando as alturas, aviva a todos os acidentes...” (p.6). Continua, “... recordando na disposição dos grandes blocos superpostos, em rimas, muramentos desmantelados de ciclópicos coliseus em ruína ...” (p.8).

Não só as diferenças litoestruturais são percebidas pelo autor, como também os processos associados à dinâmica das chuvas, que contribuem tanto na incisão nos planos de fraqueza das rochas pela ação do escoamento superficial, como também na baixa competência do transporte (redução da descarga líquida) de sedimentos nos leitos fluviais: “Obstruídos, na maioria, de espessos lastros de blocos entre os quais fora das enchentes súbitas, defluem tênues fios de água, são uma reprodução completa dos *oueds* que marginam o Saara” (p.15). Mais adiante escreve sobre as formas de relevo que indicam serem cársticas, onde a dissolução responde diretamente por feições morfológicas específicas como os cânions, lapiás e dolinas: “Caindo por ali há séculos as fortes enxurradas, derivando a princípio em linhas divagantes de drenagem, foram pouco a pouco reprofundando-as, talhando-as em quebradas que se fizeram *canons*, e se fizeram vales em declive, até orlarem de escarpamentos e despenhadeiros aqueles planos soerguidos” (p.7). Ainda, “À feição ruiformes destas, casa-se bem a dos outros acidentes. E nos trechos em que elas se estiram, planas, pelo solo, desabrigadas de todo ante a acidez corrosiva dos aguaceiros tempestuosos, crivam-se, escarificadas, de cavidades circulares e acanaladuras fundas, diminutas mas inúmeras, tangenciando-se em quinas de rebordos cortantes, em pontas e duríssimos estrepes que impossibilitam as marchas” (p.16).

Reproduz, com os conhecimentos científicos da época, o esboço geológico do Estado da Bahia (Sampaio e outros como Spiz, Martius, Derby), assim especializado: terrenos terciários e cretáceos na faixa litorânea, sucedidos, a oeste, pelos terrenos metamórficos, com destaque para os quartzitos. A grande extensão do oeste baiano foi representada pelos terrenos então considerados paleomesozóicos (Siluriano Superior e Devoniano). Hoje, as então faixas terciárias e cretáceas

correspondem ao Paleogeno/Neogeno do Grupo Barreiras; os terrenos metamórficos, individualizadas pelas estruturas Mesoarqueanas (Complexos Santa Isabel e Urandi) e Neoproterozóicas. O oeste baiano acha-se individualizado pelas estruturas Neopaleozóicas, Mesozóicas (Grupo Urucuia) e Coberturas detrítico-lateríticas Terciárias.

Santana (1996), em seu artigo “A Geologia na Literatura Brasileira”, apresenta considerações importantes sobre o conhecimento do autor na temática geológica, atualizadas com as referências bibliográficas da época.

Na oportunidade o autor faz menção ao “barão” von Eschwege (1777-1855) que foi contratado pela coroa portuguesa para elaborar estudos do potencial mineral (1808), se notabilizando pela primeira expedição geológica de caráter científico no Brasil Colônia: “... expandindo-se para nordeste nas chapadas que se desenrolam nivelando-se às cimas de serra do Espinhado, e esta, apesar da sugestiva denominação de Eschwege, mal sobressai entre aquelas lombadas definidoras de uma situação dominante” (p.6).

Nessa perspectiva, faz importante relato sobre a morfologia regional, considerando os extensos chapadões associados ao teto orográfico, narrando com precisão os efeitos estruturais dos carstes e intrusivas básicas na morfologia resultante (estruturas ruiformes). Mostra, com conhecimento, a ação dos processos morfogenéticos no desenvolvimento de vales e escarpas, bem como a sucessão de níveis topográficos que correspondem a testemunhos da pediplanação: “Transmontadas as serras, sob a linha fulgurante do trópico, veem-se estirados para o ocidente e norte, extensos chapadões cuja urdidura de camadas horizontais de grés argiloso, intercaladas de emersões calcáreas, ou diques de rochas eruptivas básicas, do mesmo passo lhes explica a exuberância sem par e as áreas complanadas e vastas” (p.4). Mais adiante... “A cordilheira eriça-se em contrafortes e talhados de onde saltam, acachoando, em despenhos, para o levante, as nascentes do Paraguaçu...” (p.6) “...a reunião de tantos traços incorretos e duros – arregoados divagantes de algares, sulcos de despenhadeiros, socavas de bocainas, criava-lhe perspectivas inteiramente nova. E quase compreendia que os matutos crendeiros, de imaginativa ingênua, acreditassem que ‘ali era o céu’” (p.21)

Esses fragmentos lembram a descrição poética de Bernardo Elis, autor goiano, sobre os extensos pediplanos do Brasil Central. Sua obra, “Veranico de Janeiro”, título que faz referência ao fenômeno de estiagem periódica em pleno mês chuvoso, também se constitui importante referência literária de interesse geográfico. Assim escreve o autor: “... estendia-se aquela largueza sem fim que são os horizontes amplos do Planalto Central, eito de chão que pega da base dos Pirineus até os confins da Bahia, abrangendo as águas vertentes do Tocantins para cá, do São Francisco para acolá e do Paranã mais assim pressa bandinha de lá. No caixa-prego, contornos acinzentados de serras, as

chapadas se sucedendo em planos e planos. Até a serra dos Veadeiros, naquele nunca-se-acaba de horizonte, era uma pincelada azul-cinza, apaga-não-apaga e tão recuada”.

(b) Aspectos bioclimáticos

Sob a ótica hidrográfica o autor retrata o comportamento físico do sítio onde se insere a “favela”: interflúvio do Vasa-Barris e Itapicuru, o divórcio das águas: “Do alto da Serra de Monte-Santo atentando-se para a região, estendida em torno num raio de quinze léguas, nota-se, como num mapa em relevo, a sua conformação orográfica. E vê-se que as cordas de serras, ao invés de se alongarem para o nascente, medianas aos traçados do Vasa-Barris e Itapicuru, formando-lhes o *divortium aquarum*, progridem para o norte” (p.19).

Em outros momentos, sugere uma situação de estiagem, em que a baixa temperatura do ar e o resfriamento da superfície no final do dia contribuem para a “vermelhidão” do céu, fenômeno explicado pelo comprimento de onda difusa associado ao volume de partículas sólidas na camada limite: “A noite sobrevém em fogo; a terra irradia como um sol escuro, porque se sente uma dolorosa impressão de faúlhas invisíveis; mas toda a ardência reflui sobre ela, recambiada pelas nuvens” (p.27).

O autor se utiliza de conhecimentos biogeográficos, considerando a resistência hídrica das espécies (vegetação mista de caatinga e cerrado como baraúnas, caraíbas, juazeiros, mandacarus, umbuzeiros...), frente às “adversidades” climáticas, fazendo relações com o ônix, uma variedade semipreciosa de quartzo calcedônico, listrado de preto e branco: “Os mulungus rotundos, à borda das cacimbas cheias, estardeiam a púrpura das largas flores vermelhas, sem esperar pelas folhas; as caraíbas e baraúnas altas refrondescem à margem dos ribeirões refertos; ramalham, ressoantes, os mariseiros esgalhados, à passagem das virações suaves. Assomam, vivazes, amortecendo as truncaduras das quebradas, as quixabeiras de folhas pequeninas e frutos que lembram contas de ônix...” (p.41).

A presença marcante do umbuzeiro leva a estabelecer relações com a resistência do sertanejo: espécie que prolifera na caatinga, dotado de forte amplitude hídrica: “O umbu é para o infeliz matuto que ali vive o mesmo que a mauritia, para os garaunos dos Ihanos” (p.42).

Em uma perspectiva dialética o autor percebe as diferentes forças que regem as contradições na natureza (“A natureza compraz-se em um jogo de antíteses”p.46), não deixando de observar as particularidades da morfogênese em diferentes condições, como as estruturais (os dioritos), e seus efeitos edafogenéticos, sem desconsiderar as condições de tempo que prenunciam tempestades: “Entalhadas as árvores pelos cortantes dgis de diorito: encoivarados, depois de secos, os ramos, alastravam-lhes por cima, crepitando, as caiçaras, em bulcão de fumo, tangidas pelos ventos” (p. 49).

Começa a inserir o homem na paisagem física, reportando ao antigo processo de encoivramento herdado dos índios para a preparação da terra. Mostra consciência ambiental como crítica a ausência de aceiros ou outras medidas preventivas: “Abria-os, de idêntico modo, o fogo livremente aceso, sem aceiros, avassalando largos espaços, solto nas lufadas violentas do nordeste” (p. 49).

Destaca-se a percepção do autor quanto ao significado da estrutura e implicações climáticas na potencialidade hídrica. Chama a atenção para a adoção de medidas que atenuem as consequências das secas, dando ênfase a seção setentrional dos sertões: “Não há alvitrar-se outro recurso. As cisternas, poços artesianos e raros, ou longamente espaçados lagos como o de Quixadá, têm um valor local, inapreciável. Visam de um modo geral, atenuar a última das consequências da seca – a sede; e o que há de combater e a debelar nos sertões do norte – é o deserto.” (p.55).

1.2 O Homem

Na parte dois, “O Homem”, Euclides da Cunha inicia com uma análise da gênese antropológica das raças formadoras do homem brasileiro (levantamento psicossociológico), advertindo a impossibilidade de uma unidade racial. Em certos momentos deixa evidências dos condicionantes climáticos na formação do sertanejo (“o sertanejo é, antes de tudo, um forte”), estabelecendo relações com os habitantes do litoral, o que evidencia uma postura positivista (fundada na moral e no progresso) e ainda determinista (o meio determina a raça).

O conceito de “sucessão habitual dos tipos de tempo”, concepção sorreana, parece implícito na mensagem do autor, ao considerar a “irreverência” dos processos naturais frente às expectativas de um poder limitado.

“Mas esta placidez opulenta esconde, paradoxalmente, germens de cataclismos, que irrompendo, sempre com o ritmo inquebrável, no estio, traindo-se nos mesmos prenúncios infalíveis ali tombam com a finalidade irresistível de uma lei” (p. 68)

As observações mostram, senão um conhecimento científico em relação à dinâmica atmosférica, pelo menos importantes observações empíricas. Com a tendência da migração setentrional do anticiclone tropical atlântico, após o trimestre abril-junho, os ventos de leste vão enfraquecendo, com conseqüente redução da umidade relativa do ar, sem maiores alterações na temperatura: “Ali, no pleno dos estios quentes, quando se diluem, mortas nos ares parados, as últimas lufadas de leste, o termômetro é substituído pelo higrômetro na definição do clima” (p.70).

(a) Aspectos físicos e a presença do homem

O “inverno” chega com chuvas que aumentam a vazão dos rios, exigindo paciência aos que precisam transpor o leito. A parada na vida é aceita pela própria contingência, mesmo questionando a incompreensão da natureza. De certa forma se contrapõe à ideia faustiana do desejo de utilizar as forças da natureza em benefício próprio.

“A enchente é uma parada na vida. Preso nas malhas dos igarapés, o homem aguarda, então, com estoicismo raro ante a fatalidade incoercível, o termo daquele inverno paradoxal, de temperaturas altas.” (p.70).

Ao mesmo tempo em que a exigida “paciência” pela impossibilidade de alternativa, encara as adversidades como um processo natural: “... o nosso sertanejo faz exceção à regra. A seca não o apavora. É um complemento à sua vida tormentosa, emoldurando-a em cenários tremendos”. (p. 117).

Mesmo utilizando-se do “possibilismo” para justificar a “paciência” ou “aceitação” do sertanejo frente aos fenômenos naturais, também recorre ao “determinismo” travestido de “darwinismo social” ao estabelecer relações entre o sertanejo e o homem do litoral, diferenças atribuídas às condições ambientais, além de conter uma dose racista (“o mestiço” seria biologicamente inferior às outras raças): “O sertanejo tomando em larga escala, do selvagem, a intimidade com o meio físico, que ao invés de deprimir enrija o seu organismo potente, reflete, na índole e nos costumes, das outras raças formadoras apenas aqueles atributos mais ajustáveis à sua fase social incipiente...É que neste caso a raça forte não destrói a fraca pelas armas, esmaga-a pela civilização” (p.99). “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral” (p.101). Essa relação também é feita entre o jagunço e o gaúcho: “A luta pela via não lhe assume o caráter selvagem da dos sertões do norte. Não conhece os horrores da seca e os combates cruentos com a terra árida e exsicada. Não entristecem as cenas periódicas da devastação e da miséria, o quadro assombrador da absoluta pobreza do solo calcinado, exaurido pela adustão dos sóis bravios do Equador” (p.103).

Assim como enaltece o sertanejo pela resistência às adversidades da natureza, mostra-o sem ambição ou desejos pessoais, caracterizando-o pela passividade. “... o sertanejo não tem, por bem dizer, ainda capacidade orgânica para se afeiçoar à situação mais alta” (p. 122). A ausência de expectativas, por vezes o leva a angústia: “Reaviam-no à vereda da fazenda; e ressoam, de novo, pelos ermos, entristecedoramente, as notas melancólicas do aboiado” (p.114)

(b) A presença do Conselheiro

O arraial de Canudos é assim criado pelo beato Antonio Mendes Maciel, o Antonio Conselheiro, em 1893, às margens do rio Vaza-Barris. Entre vinte e trinta mil sertanejos foram atraídos pelo uso comunitário da terra e pela promessa do paraíso: “do Vaza-Barris deverá jorrar o leite e o mel” (Conselheiro). A estrutura implantada e a tendência crescente de aglutinação de pessoas preocuparam os latifundiários da região, prevendo riscos de invasão de suas terras. Os problemas cresceram com a divulgação da tendência monarquista do Conselheiro, que teria sido usada como “salvação” para a “verdadeira felicidade”. Alertados pelas autoridades baianas iniciou-se o combate ao suposto “núcleo monarquista”.

O autor, ao mesmo tempo em que apresenta algumas das características comportamentais do Conselheiro, não deixa de considerar a sua perspicácia, liderança, em converter adeptos a uma nova existência: “...E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; aborreado ao clássico bastão em que se apoia o passo tardo dos peregrinos...” (p.142). “Antônio Conselheiro reunia no misticismo doentio todos os erros e superstições que formam o coeficiente de redução da nossa nacionalidade. Arrastava o povo sertanejo não porque o dominasse, mas porque o dominavam as aberrações daquele” (p.156).

Ao escrever sobre Canudos, Euclides da Cunha utiliza-se de uma carta de declividade (p.163) elaborada pela Comissão de Engenharia em sua última expedição, que oferece importante noção da colina e suas cercanias. Em seguida faz uma rica descrição do sítio em questão: “Emoldurava-o uma natureza morta: paisagens tristes; colinas nuas, uniformes, prolongando-se ondeantes, até às serranias distantes, sem uma nesga de mato. Rasgadas de lascas de talcoxisto, mal revestidas em raros pontos, de acervos de bromélias, encimadas, noutros, pelos cactos esguios e solitários” (p.165).

1.3 A Luta

A luta, título dado à terceira parte do livro, começa a ser travada a partir das supostas denúncias de que o Conselheiro “pregasse” uma volta à monarquia. Para a pesquisadora Paula Beiguelman o estopim da Guerra de Canudos se deu com a agregação de milhares de sertanejos que buscavam melhores condições de existência, o que causou preocupação por parte da oligarquia agrária que temia a liderança do Conselheiro e a possibilidade de invasão de suas terras. Para a autora, Antonio Conselheiro teria ido a Juazeiro comprar madeiras para o arremate da nova igreja em Canudos. O acordo foi firmado com a autoridade local, o juiz de direito Arlindo Leôni. Porém, a mercadoria, propositadamente, não foi entregue: “O principal representante da justiça de Juazeiro tinha velha dívida a saldar com o ‘agitador’ sertanejo, desde a época em que, sendo juiz do Bom

Conselho fora coagido a abandonar precipitadamente a comarca, assaltada pelos seus adeptos”. Não admitindo a não entrega da madeira, Antônio Conselheiro ameaçou retirá-la à “força”. O juiz em questão, que teve o apoio da novel República, acusou Conselheiro de monarquista, o que deu início à Guerra de Canudos. O combate durou quase quatro anos, havendo necessidade de quatro expedições federais, deixando um rastro de sangue de aproximadamente vinte e cinco mil mortos.

A primeira expedição comandada pelo coronel Moreira César foi dissipada pelas emboscadas dos sertanejos. Para vingá-los, foi enviada, depois da terceira onda, uma tropa com 8.000 homens, comandada pelo general Artur Oscar, fortemente armados, que culminou com a morte de todos os homens de Canudos. Só sobraram os velhos, as mulheres e as crianças. Assim como nos dias de hoje, a imprensa teve um papel ideológico, noticiando o fato como a luta da “civilização contra a barbárie”. Além das razões reais que culminaram no extermínio dos sertanejos, necessário se faz considerar a estrutura socioeconômica da época, que prevalece até os dias atuais, representada pelos latifúndios improdutivos, as secas cíclicas no sertão, a servidão arcaica e a crença de uma salvação milagrosa.

(a) A terra prometida

Euclides da Cunha inicia falando da urgência do governo pacificar o sertão de Canudos como forma de conter as insurreições que ocorriam na Bahia, como a investida de “facínoras” nas lavras diamantíferas de Lençóis. A localidade Brito Mendes havia caído nas mãos de “outros turbulentos”; e em Jequié “se cometiam toda a sorte de atentados”: “O jagunço, saqueador de cidades, sucedeu ao garimpeiro, saqueador da terra. O mandão político substituiu o capangueiro decaído” (p.194). O parágrafo nos faz lembrar a música de Vital Faria, “Saga da Amazônia”:

“No lugar que havia mata, hoje há perseguição
Grileiro mata posseiro só prá lhe roubar seu chão
Castanheiro, seringueiro já viraram até peão
Afora os que já morreram como ave-de-arribação

...

Pois mataram índio que matou grileiro que matou posseiro
Disse um castanheiro para um seringueiro que um estrangeiro
Roubou seu lugar”

A identidade do sertanejo com o lugar é expressa pela relação de familiaridade com as árvores que “lutam com as mesmas agruras”: “Cercam-lhe relações antigas. Todas aquelas árvores são para ele velhas companheiras. Conhece-as todas. Nasceram juntos; cresceram irmãmente; cresceram através das mesmas dificuldades, lutando com as mesmas agruras, sócios dos mesmos dias remansados” (p.217).

Ao mesmo tempo em que o autor condena o massacre contra os sertanejos pelas forças militares, enaltecendo a sua resistência, descreve de forma “desconfiada” a postura do Conselheiro

como liderança (aliás, antes de “cobrir” o massacre o autor considerava o movimento de Canudos como “monarquista”, posição revista posteriormente) : “A nossa história, tão malsinada de indisciplinados heróis, adquiria um de seus mais sombrios atores. Fez-se a metamorfose da situação anterior: de par com a sociedade robusta e tranquila dos campeiros, uma outra caracterizando-se pelo nomadismo desenvolto, pela combatividade irrequieta, e por uma ociosidade singular sulcada de tropelias” (p.195).

O sítio em acrópole dava vantagem aos resistentes. Do Monte Santo se avistavam as luzes brilhando fracamente, demarcando a posição do inimigo que se aproximava: “E à noite um observador que do acampamento atentasse para o norte, distinguiria talvez, escassas, em bruxoleios longínquos, fulgindo e extinguindo-se, intermitentes, muito altas, como estrelas rubras entre nevoeiros, algumas luzes vacilantes. Demarcaram as posições inimigas” P.236).

O sonho de uma nova realidade parecia estar no fim: “Tonto de pavor, o povo ingênuo perdeu, em momentos, as crenças que o haviam empolgado” (p.,248).

(b) Os Confrontos

Os primeiros embates ficaram a cargo das expedições de Moreira Cesar, que desconhecendo o terreno, foram surpreendidas pelos sertanejos. Vale lembrar aqui a “Arte da guerra” de Sun Tzu, escrito há mais de 2.500 anos, onde faz considerações sobre o terreno como estratégia de guerra: com relação ao terreno acessível pode-se derrotar “o inimigo pelo sol e protege-se cuidadosamente nossa linha de abastecimento. Então, está-se em condições de combater com vantagem”. O terreno complicado pode ser abandonado, mas é difícil de ser reocupado: de uma posição dessas, se o inimigo estiver despreparado para a nossa chegada, podemos investir e derrotá-lo”. No terreno retardado é aconselhável não avançar e sim, recuar, atraindo por sua vez o inimigo. Nos desfiladeiros “torna-se possível a investida se o inimigo estiver desguarnecido”. Quanto aos picos escarpados, como no caso de Canudos, “se precedermos nossos adversários, devemos ocupar os locais claros e altos e esperar que ele chegue”.

Euclides da Cunha faz alusões ao ódio irresistível do “rebanho” sob o comando de superiores despreparados. Na segunda expedição, mesmo com a presença de jagunços, os soldados foram vencidos: “É que o exército é, antes de tudo, uma multidão, ‘acervo de elementos heterogêneos em que basta irromper uma centelha de paixão para determinar súbita metamorfose, numa espécie de geração espontânea em virtude da qual milhares de indivíduos diversos se fazem um animal único, fera anônima e monstruosa caminhando para dado objetivo com venalidade irresistível” (p.288). “O jagunço, brutal e entroncado, diluía-se em duende intangível. Em geral os combatentes, alguns feridos

mesmo no recente ataque, não haviam conseguido ver um único; outros, os da expedição anterior, acreditavam, atônitos e absortos ante o milagre estupendo, ter visto, ressurretos, dous ou três cabecinhas que, afirmavam convictos, tinham sido mortos no Cambaio...” (p.306).

Na oportunidade o autor alegoriza o paradoxo da florescência vermelha da caatinga com o azul dos uniformes lampejados pelos apetrechos metálicos: “A caatinga, mirrada e nua, apareceu repentinamente desabrochando numa florescência extravagantemente colorida no vermelho forte das divisas, no azul desmaiado dos dólmãs e nos brilhos vivos das chapas dos talins e estribos oscilantes...” (p.313).

Mostra a bravura do sertanejo que mesmo em desvantagem numérica na quarta expedição, mantém a moral em alta: “Os sertanejos, entocaiados a cavaleiro, golpeavam-na; partiam-na, por sua vez, as anfractuosidades do solo. A linha do assalto, rôta em todos os pontos, subdividida em pelotões estonteadamente avançando, espalhou-se, revolta, nos pendores da serra...” (p.369).

A quarta expedição só venceu pelo elevado contingente de soldados (batalhões de todos os Estados do Nordeste além do Rio Grande do Sul). As colunas partiam de seus estados em situação “absolutamente inverossímil”: à meia ração, com vestes inadequadas para avançarem na caatinga: “O flanqueador devia meter-se pela caatinga, envolto na armadura de couro do sertanejo – garantido pelas alpercatas fortes, pelos guarda-pés e perneiras, em que roçariam inofensivos os estiletos dos xique-xiques pelos gibões e guarda-peitos, protegendo-lhe o tórax, e pelos chapéus de couro, firmemente apresilhados ao queixo, habilitando-o a arremessar-se, imune, por ali a dentro” (p. 335).

O avanço das tropas encontra uma série de obstáculos por desconhecerem a região, o que dificultava a empreitada: “Denunciava-os, como sempre, de algum modo, a fisionomia da terra, a conformação do terreno que dali por diante se acidenta, erriçado de cômoros escavados, até às Baixas, onde se alcantila a serra do Rosário, de flancos duros e vegetação rara” (p. 345).

Ao falar da Coluna Savaget, que partiu de Aracaju, faz uma retrospectiva geológica, apresentando um relato romantizado da conformação topográfica: “...as serranias cortadas de angusturas, fracionando-se em serrotes de aclives vivos, figuram-se ruínas de uma barragem aluída e rôta pelas enchentes. Aprumam—se entre várzeas, feito um recorte nas planuras, e a despeito dos contornos incorretos, permitem que se lhes reviva o fácies primitivo. São uma montanha fóssil” (p.362). Segue uma descrição minuciosa do trajeto até as cercanias de Canudos: “O Vasa-Barris, contorcido em meandros, alonga-se, entalado, entre cerros sucessivos. A estrada que o fraldeia, ou lhe acompanha o leito, perturba-se em atalhos, ondulante, torneando sem número de encostas, derivando em aladeirados; e vai até ao vale de um ribeirão efêmero, ao qual deu o nome um dos cabecilhas sertanejos que ali tinha a vivenda, ‘Macambira’” (p.364).

Com todo o arsenal da Coluna Savaget, “no fim de três horas de fogo os atacantes não tinham adquirido um palmo do terreno”. A expectativa do confronto aliado ao desconhecido tornava a batalha mais difícil: “E daquele desolamento, daquela solidão absoluta e impressionadora, irrompia, abalando as encostas, uma ‘fuzilaria cerrada e ininterrupta como se ali estivesse uma divisão inteira de infantaria!’ ” (p.367).

À medida em que os soldados venciam o cerco, avistavam o arraial e contavam: “Seis mil casas talvez! Quinze ou vinte mil almas – encafurnadas naquela tapera babilônica... E invisíveis”: “E sobre tudo aquilo uma monotonia acabrunhadora... A sucessão invariável das mesmas cenas no mesmo cenário pobre, despontando às mesmas horas com a mesma forma, davam aos lutadores exaustos a impressão indefinível de uma imobilidade no tempo” (p.392).

A desproporção descabida de soldados em relação ao número de sertanejos resultou em um verdadeiro massacre, com aproximadamente trinta mil mortes. A resistência do sertanejo faz lembrar a resistência dos camponeses de Trombas, liderados por Zé Porfírio em meados da década de 1950, no meio-norte do Estado de Goiás. Conta Sebastião de Barros Abreu (Trombas, a guerrilha de Zé Porfírio) que comerciantes e proprietários rurais, secundados por advogados e juízes, promoveram a grilagem de terras devolutas na região, onde milhares de posseiros habitavam o local. Os posseiros resistiram e venceram vários combates contra as forças particulares dos grileiros e contra a própria polícia. Os embates transformaram-se em um ato político, o que redundou na vitória dos posseiros, recebendo posteriormente o título de posse das terras.

O caso de Canudos não teve o mesmo fim: soldados bloquearam as saídas, e o abastecimento de água foi interrompido. Ainda, atingiram a torre da igreja com um tiro de canhão. Mesmo assim, os “estóicos” esperavam pela salvação. Os sertanejos não se renderam e muitos foram degolados. No dia 22 de setembro de 1897 Antônio Conselheiro morre vencido pelos ferimentos. No dia 14 de maio de 2019, Antônio Conselheiro é incluído no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria (Lei 13.829/19).

O resto é silêncio...

2. REFERÊNCIA INCIDENTAL NO CONTEXTO LITERÁRIO

(A festa de Manuelzão na perspectiva geográfica)

“Foi no meio duma noite, indo para a madrugada, todos estavam dormindo. Mas cada um sentiu, de repente, no coração, o estalo do silenciosinho que ele fez, a pontuda falta da toada do barulhinho. Acordaram, se falaram. Até as crianças. Até os cachorros latiram. Aí, todos se levantaram, caçaram o quintal, saíram com luz, para espiar o que não havia. Foram pela porta-da-cozinha. Manuelzão adiante, os cachorros sempre latindo. – **Ele perdeu o chio...** Triste duma certeza: cada vez mais fundo, mais longe nos silêncios, ele tinha ido s’embora, o riachinho de todos. Chegado na beirada, Manuelzão entrou, ainda molhou os pés, no fresco

lameal. Manuelzão, segurando a tocha de cera de carnaúba, o peito batendo com um estranho diferente, ele se debruçou e esclareceu. Ainda viu o derradeiro fiapo d'água escorrer, estilar, cair degrau de altura de palmo a derradeira gota, o bilbo. E o que a tocha na mão de Manuelzão mais alumiu: que todos tremiam mágoa nos olhos. Ainda esperavam ali, sem sensatez; por fim se avistou no céu a estrela-d'alva. O riacho soluço se estancara, sem resto, e talvez para sempre. Secara-se a lagrimal, sua boquinha serrana. Era como se um menino sozinho tivesse morrido” Guimarães Rosa: Uma estória de amor: Festa de Manuelzão” (p. 115).

A narrativa “Uma estória de amor: festa de Manuelzão”, de João Guimarães Rosa , originalmente publicada em 1964, remete a dois elementos pontuais na ocupação do território mineiro: de um lado a questão religiosa, e de outro, o universo rural representado pela pecuária onde se insere a figura do vaqueiro. Manuelzão, protagonista, é um velho vaqueiro, inspirado pelo autor no mineiro Manuel Nardi, com quem ouviu muitas estórias, aproveitadas em seus contos, é responsável pela Samarra, cujo oculto proprietário lhe dá total autonomia, razão pela qual, com o tempo, vai agregando familiares: o filho natural Adelço, e sua mulher com seus sete filhos pequenos, e depois o irmão da nora; na casa “grada, com muitos cômodos de chão batido e só um quarto de assoalho...”. Logo após a morte da mãe, o riacho que cortava o lugar , misteriosamente “seca” no meio da noite. Por esse fato, Manuelzão “pensou que tivesse com mau-olho. Pensou no riachinho secado: acontecimento assim tão costumeiro, nesses campos do mundo. Mas tudo vem de mais longe. E se lembrava. Um dia, em hora de não imaginar, falara à mãe: - ‘Aqui junto falta é uma igreja... Ao menos um cruzeiro alteado...’”.

Mesmo imaginando ser o fato uma mensagem de provação e reativação da crença, não deixou de existir a esperança de ver o riachinho correr novamente: “Restavam as duas filas de pequenas árvores, se traçando por cima da deixa do riacho, formando escuro um tubo fundo, onde as porcas iam parir seus leitões e as guinés punham ovos. Não se podia derrubar aquela linha de mato, porque, um dia quem sabe, o riachinho podia voltar, sua vala ficava à espera, protegida”

A imaginada anunciação leva Manuelzão a laborar em prol da construção da capela, ficando à espera da chegada de um padre para a inauguração. “A festa e seus preparativos são como uma coluna dorsal, ou um esqueleto, mas os músculos e nervos da narrativa são os pensamentos, sentimentos e lembranças de um velho vaqueiro que vê com preocupação o fim do caminho”, assim narrado pelo autor: “De tudo não queria parar, não queria suspeitar em sua natureza própria de um anúncio de desando, o desmancho, no ferro do corpo. Resistiu. Temia tudo na morte”.

Surpreendentemente, chega uma quantidade enorme de pessoas para o festejo. O autor vai narrando e descrevendo os convivas com suas características, algumas bizarras. A festa transcorre na mais perfeita ordem, com fim marcado pela perspectiva de saída da boiada.

Também no conto “Minha gente”, no livro “Sagarana”, Guimarães Rosa volta a tratar da questão dos sumidouros, momento em que demonstra relações com as estruturas cársticas: “Horrrível! Horrrível o que hoje aconteceu. E quem convidou fui eu! Bento Porfírio bem que não queria ir. Eu era quem estava com saudade dos estranhos sussurros do poço.

Porque todos os córregos aqui são misteriosos – somem-se solo a dentro, de repente, em fendas de calcário, viajando, ora léguas, nos leitos subterrâneos, e apontando muito adiante, num arroteo ou numa cascata de rasgão. Mas, o mais enigmático de todos é este ribeirão, que às vezes sobe de nível, sem chuvas, sem motivo anunciado, para minguar de pronto, menos de uma hora depois. Há, contínuo, aqui ou acolá, um gluglu, um chupão líquido, água rolando n’água; lá embaixo, nas pedras, a corredeira se apressa ou amaina; mas o som nunca é o mesmo de dois instantes atrás” (p.212).

2.1. A Pesquisa

Em 2010 participamos de inventário hidrelétrico para uma PCH (Pequena Central Hidrelétrica Palmeiral, no rio Grande), entre Sítio Grande e São Desidério, no oeste baiano. A área do empreendimento é contornada por extenso pediplanos intermontano (750 m), pouco dissecado. À medida que se caminha em direção aos vales, tanto do rio São Desidério quanto do rio Grande, os sedimentos cretáceos da Formação Urucuia (sobretudo arenitos) desaparecem, passando ao domínio dos metassedimentos do Grupo Bambuí. Essa seção dissecada, representada pelos Patamares do Chapadão, se caracteriza pela intercalação de calcários microcristalinos, metassiltitos e metarcóseos, cujas constituições litoestratigráficas respondem pelo desenvolvimento de formas específicas. Nas seções constituídas por calcários microcristalinos plaqueados predominam formas residuais, com aspecto ruiforme, com algumas evidências espeleológicas como alvéolos de dissolução, pequenas estalactites em cavidades estruturais, lapiás resultantes de dissolução em diáclases e campos de Tors

Próximo ao eixo do empreendimento projetado, na Fazenda Palmeiral, prevalecem metarenitos intercalados a calcários do Grupo Bambuí, onde são presenciadas dolinas e grutas escavadas por dissolução, além de desabamentos estruturais associados ao elevado número de fraturas. No local foi constatada a presença de colapso cárstico em pequena área, vizinha ao povoado, que teria acontecido no mês de março de 2008. O “buraco” (UTM E492.197, N8.617.302, 609 m), com diâmetro de aproximadamente sete metros de largura, com mais de dezesseis metros de profundidade, encontrava-se parcialmente entupido de terra. As informações são de que foram utilizadas mais de vinte caçambas de terra para a inumação da “dolina de colapso”. Depoimento do administrador da fazenda é a de que o abatimento causou um “estrondo”, ouvido pelos vizinhos.

O fenômeno registrado e as descrições de moradores, se aproximam daquelas narradas no conto de Guimarães Rosa. Enquanto na fazenda Palmeiral se deu em área de pastagem, na margem direita do rio Grande, no conto se dá exatamente no leito do córrego, fazendo-o “desaparecer”. Seria um sumidouro, onde o córrego passou a correr abaixo da superfície, sob a forma de drenagem criptorreica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção foi a de oferecer alguns elementos de análise, em uma perspectiva geográfica, da obra de Euclides da Cunha e do trecho incidental de Guimarães Rosa, que não se encerra como limite de percepção. Muitas são as obras literárias que oferecem subsídios a uma análise geográfica, o que se constitui duplo fator indutivo: o gosto da leitura e o despertando da percepção de correspondências entre os fatos narrados e o conhecimento científico.

São muitas as obras literárias que poderiam ser utilizadas para a análise geográfica, as quais vão desde temáticas indutivas ou dedutivas. No aspecto indutivo tem-se “A jangada de pedra” de José Saramago, que utiliza do conceito da deriva continental para simbolicamente expressar a indignação do autor em relação ao descaso dos países europeus quando da incorporação natural de Portugal à comunidade; ou ainda, “A ilha do dia anterior” de Umberto Eco, em que o navio fica encalhado em uma baía próxima ao meridiano antípoda, onde a personagem, para salvar sua amada consegue chegar a ilha um dia antes. Estória semelhante à do Super-Homem, que para ressuscitar sua amada, faz a terra girar em sentido contrário, antecipando o acidente fatal. Também importantes subsídios são oferecidos por obras que retratam as condições da natureza geográfica, como “Grande Sertão Veredas” de Guimarães Rosa, “Vida e morte Severina” de João Cabral de Melo Neto, “Tropas e boiada” de Hugo de Carvalho Ramos, “Veranico de janeiro” de Bernardo Elis, dentre muitas outras.

REFERÊNCIAS

- ABREU, S. de B. Trombas: A guerrilha de Zé Porfírio. Brasília: ed. Goethe, 1985, 138p.
- BEIGUELMAN, P. Sobre Euclides da Cunha. Arcádia. Número 29. Ano XI. São Paulo: Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo. 1946. p.18
- BORGES, J.L. Siete noches. México: Fondo de Cultura Económica, 1981
- CUNHA, E. da. Os sertões (Campanha de Canudos). Rio de Janeiro: Ed. Paulo de Azevedo (Edição de Ouro), 1969, 560 p.
- ELIS, B. Veranico de janeiro. Goiânia: ICBC, 2006, 130 p.

GALVÃO, W.N (USP) & Hardman, F.F (Unicamp). A crítica literária. *Jornal da USP*, 13/08/2019: Discussão sobre o massacre do arraial liderado pelo beato Antonio Conselheiro e seus efeitos na visão de Euclides da Cunha sobre o Brasil, o que ajudou-o a perpetuar Canudos no imaginário nacional.

MONBEIG, P. *Ensaio de Geografia Humana Brasileira*, São Paulo: Martins, 1940.

PESSOA, F. *O livro do desassossego*. Org. Richard Zenith. São Paulo: Cia das Letras, 1997. 534p.

REZENDE, M.J. de. *Tempo social. Temo social* vol.13 n. 2, São Paulo, Nov, 2001.

ROSA, J. G. *Manuelzão e Miguilim: Corpo de Baile*. Coleção Sagarana, (14). R. Janeiro: Livraria José Olympio, 1970 (4ª. Edição) 193 p.

ROSA, J. G. *Uma história de amor (Festa de Manuelzão): Manuelzão e Miguilim (Corpo de Baile)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, 265p.

Rosa, J.G. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, 386p.

SANTANA, J.C.B. de. *A Geologia na literatura: Um exemplo em ‘Os Sertões’*. *Susttentibus*, Feira de Santana (14):181-192, 1996.

TZU, S. *A arte da guerra*. São Paulo: Record, 1983.